

Nova Orleans em luto pelas 14 vítimas do atentado

ESTADOS UNIDOS

Uma cidade em luto

Em choque, Nova Orleans começa a se despedir das 14 vítimas do atentado terrorista de quarta-feira. Amigo de jovem assassinada relata ao Correio os instantes de horror na primeira madrugada do ano. FBI teme a ação de imitadores

RODRIGO CRAVEIRO

Andree Caldeira Noyes/AP

Amigos se abraçam diante de memorial instalado na Bourbon Street, em tributo às vítimas do atentado de 1º de janeiro.



Arquivo pessoal



Zion Parsons (E), 18 anos, presenciou a morte da melhor amiga, Nikyra Dedeaux (D), de mesma idade, no atentado de 1º de janeiro. "Ela partiu em paz"

Famoso pelo Mardi Gras — uma festa semelhante ao carnaval — e por ser conhecida como o berço do jazz, uma entulhada Nova Orleans tenta entender as falhas de segurança que levaram a um massacre na madrugada do primeiro dia do ano. Em meio à dor, amigos e familiares rendem homenagens às 14 vítimas atropeladas pela caminhonete branca conduzida pelo ex-militar Shamoud Din Jabbar, 42 anos. Na Bourbon Street, um memorial com flores, velas, fotos e mensagens virou ponto de peregrinação.

Na próxima segunda-feira, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, visitará a cidade para "compartilhar a dor das pessoas em luto" pelo atentado terrorista. "O povo de Nova Orleans enviou uma mensagem inquitocosa: eles não permitirão que este ataque, esta ideologia delirante, nos derrote", declarou Biden, que estará acompanhado pela esposa, Jill Biden, e se reunirá com autoridades locais e familiares das vítimas, que tinham entre 21 e 63 anos. Às 21h15 (8h15 em Brasília) de quarta-feira, Zion Mikali Parsons, 18 anos, comemorava a chegada de 2025 com a amiga Nikyra Cheyenne Dedeaux e a prima Mori, ambas da mesma idade. "Nós estávamos na entrada do Destre Oyster Bar, na Bourbon Street, a duas quadras da esquina com a Canal Street. De repente, houve um clima de comoção e berros altos, vindos atrás de mim. Virei a cabeça e tive a visão ofuscada por faróis. Rapidamente saltei para a calçada e entrei no bar. Infelizmente, minha melhor amiga, Nikyra, correu na direção oposta e saiu para a rua. Isso fez com que ela fosse atingida pela caminhonete", contou ao Correio. Ele não viu o condutor.

Zion acredita que Nikyra morreu instantaneamente. "Com base nas imagens de câmeras de segurança da Bourbon Street, presumo que ela tenha morrido no impacto da caminhonete. Então, ela partiu em paz. Nikyra era uma mulher pequena, tinha apenas 1,70m e não mais do que 50kg", afirmou. Em sua página no Facebook, Zion escreveu que Nikyra tinha a vida inteira pela frente. "Ela estava a caminho da universidade, em duas semanas, e planejava ter o seu primeiro apartamento em breve. (...) Saber que

isso poderia ter sido evitado e pensar que talvez eu pudesse ter feito um pouco mais para impedir-me machuca tanto. (...) Vou alto, Nikyra", desabafou.

A imprensa norte-americana trouxe os rostos da tragédia, ao divulgar os perfis de algumas vítimas. Kareem Badawi, estudante da Universidade do Alabama

e jogador de futebol americano, foi sepultado ontem. Rehal Badawi anunciou a morte do filho, nas redes sociais, horas depois do atentado. "É com imensa tristeza e pesar, e com o coração satisfeito pela decisão de Alá e o destino, que anuncio a morte do meu filho, Kareem Badawi, que morreu hoje (quarta-feira) pela

manhã como resultado do trágico acidente em Nova Orleans", escreveu no Facebook. "Pedimos a Alá, o Todo-Poderoso, que derrene sua misericórdia sobre ele e nos dê paciência e força." Kimberly Usher Fall criou uma página na internet para arrecadar fundos e custear o sepultamento da amiga e funcionária

Nicole Perez, uma das vítimas. Aos 27 anos, Nicole deixou um filho de cinco. "Ela era tão linda e cheia de vida", lamentou. "Eu espero obter alguma ajuda para as custas do enterro e para ajudar o filho dela com gastos que precisará para a transição a uma nova situação de vida." O FBI (polícia federal dos

Estados Unidos) concluiu que Din Jabbar agiu sem a ajuda de cúmplices e se inspirou no Estado Islâmico. As autoridades não escondem a preocupação de ataques de atropelamento por parte de imitadores do ex-militar. "Tais atentados, provavelmente, continuarão atraindo para aspirantes a agressores, dada a facilidade de aquisição dos veículos e o baixo nível de habilidade necessário para conduzi-los", advertiu um boletim emitido pelo FBI para as agências de segurança dos EUA.

A Câmara Municipal de Nova Orleans iniciou uma investigação sobre eventuais falhas de segurança voltadas a prevenir eventuais ameaças. Outra testemunha da tragédia, Nicole Mowrer, turista de Iowa, não se recorda de ter visto qualquer barreira de metal fixa para a contenção de carros, exceto cavaletes instalados nas ruas. "Eu não as notei, mas não estava necessariamente de olho nelas antes do incidente", explicou ao Correio. "Vi a caminhonete atingindo as pessoas brevemente, depois que eu e meu marido (lim) nos escondemos em uma alcova, na calçada. Vantagens da polícia e esses cavaletes de madeira foram usados como barreiras." O casal viu os corpos de cinco ou seis vítimas, que teriam morrido imediatamente. Questionada pela reportagem sobre se percebeu qualquer falha de segurança naquela madrugada, Nicole disse que a polícia e os socorristas fizeram tudo ao seu alcance para neutralizar uma situação bastante volátil. "Acho que as precauções foram razoáveis, com base nas medidas percebidas."

Las Vegas

Matthew Alan Irvetsberger, o militar das forças especiais do Exército que morreu na explosão de um Cybertruck, em frente ao Trump International Hotel, em Las Vegas, na quarta-feira, escreveu mensagens no celular sobre "questões políticas e domésticas". Spencer Evans, agente especial encarregado da Divisão de Las Vegas do FBI, declarou que o incidente parecia ser "um caso trágico de suicídio envolvendo um veterano de combate altamente condecorado que estava lutando contra o transtorno do estresse pós-traumático e outros problemas".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo Pagina: 9